

1. A Fera Mãe

Eu estava em cima de um muro. Não um muro qualquer, mas um que parecia dividir o mundo em quatro cantos, quatro partes iguais. Era estranho como eu me sentia no centro daquela encruzilhada, observando cada quintal que se abria ao meu redor, como se estivesse no coração de um labirinto misterioso.

Em dois desses quatro quintais, não havia construções: apenas plantas de vários tipos, muito mato, trepadeiras, raízes e folhas espalhadas por toda parte. No terceiro, uma vegetação rasteira e delicada, de um verde translúcido, quase se confundia com o solo úmido, como se uma chuva recente ainda estivesse sendo absorvida pela terra.

No quarto canto, o cenário mudava completamente. Havia ali uma casa encostada ao muro, com um telhado colonial antigo, levemente recoberto por um musgo ralo, entremeado por folhas orvalhadas que brilhavam sob a luz do sol poente. O cheiro da decomposição natural dos elementos tomava o ar; tudo parecia perfeito, como uma cena de filme em meio à natureza. As folhas balançavam com uma brisa forte, o sol brilhava timidamente, o clima era ameno.

Foi então que o primeiro visitante apareceu. Do nada, me observando de longe — curioso e um tanto arisco — surgiu um filhote de onça-preta que, após alguns segundos, saltou em minha direção, alegre, agitado, ansioso para brincar ali, no meio daquela encruzilhada de muros. Mas, antes que eu pudesse me aproximar, outros dois filhotes surgiram, brincando entre folhas e gravetos acumulados nos cantos do telhado. Eu teria ficado ali o dia todo com aquelas adoráveis oncinhas, não fosse por um pensamento súbito, óbvio e assustador:

"Se os filhotes estão por aqui, os pais devem estar por perto!"

Antes mesmo que a pergunta se formasse completamente em minha mente — "Onde está a mãe deles?" — eu ouvi o som. Um passo. Lento, pesado. O som de algo maior, que se movia com delicadeza e majestade, consciente de sua força e autoridade. O telhado, que antes era apenas parte do cenário, agora parecia esconder um predador à espreita, um perigo absoluto, algo que aqueles filhotes brincalhões um dia também representariam.

O instinto de sobrevivência tomou conta de

mim. Um calafrio percorreu minha espinha, suficiente para me fazer recuar, engatinhando para trás sobre aquele muro estreito. Meus pés mal tinham espaço para se firmar, e o medo me obrigava a movimentos rápidos e desajeitados. Eu precisava sair dali. E rápido.

De repente, num piscar de olhos, tudo mudou. Eu já não estava no muro. Corria descalço por ruas largas e intermináveis, que formavam à frente uma nova encruzilhada de avenidas desertas.

Agora, centenas de pessoas caminhavam apressadas pelas calçadas, em todas as direções, como na hora do rush no centro de São Paulo, mas, curiosamente, não havia som algum. Apenas o batimento do meu coração, tomado pelo medo de que o pai daquelas oncinhas pudesse estar atrás de mim. Nenhum ruído de carros, nenhuma conversa, nada. Apenas minha respiração ofegante e o som dos meus pés batendo com força no asfalto. Corria desesperadamente. Minhas pernas estavam pesadas, meu coração prestes a explodir, mas o medo não me deixava parar.

Eu não sabia o que exatamente me perseguia, mas imaginava que pudesse ser ela, a mãe dos filhotes. Sentia que precisava ir para bem

longe dali, e rápido.

Foi então que avistei no horizonte uma imensa tenda de circo, erguendo-se surrealmente naquele cenário caótico. “Um domador!”, pensei. Se houvesse uma fera atrás de mim, ele poderia controlá-la. Chegar ao circo tornou-se minha única meta, minha única salvação. Mas minhas forças estavam quase esgotadas; os músculos doloridos mal respondiam aos comandos para correr mais e mais rápido. Ainda assim, continuei. Cada passo era uma tortura, meu corpo à beira do colapso.

Então, eu ouvi. Primeiro um grito, depois vários, ecoando no meio da multidão. Olhei para trás e vi pedaços de pessoas espalhados pelas calçadas e ruas, brutalmente arrancados. Ainda assim, eu não conseguia ver o animal responsável por tamanha carnificina.

O pavor só aumentava. Corri ainda mais rápido. Busquei abrigo atrás de um carro, tentando localizar a criatura.

Para meu completo horror, pude vê-la. Não era apenas uma fera, mas algo saído literalmente de um pesadelo. Imensa, duas ou três vezes maior que qualquer onça que eu já tivesse visto. Sua cabeça parecia uma máscara grotesca de carne viva,

a pele pendendo em tiras. Um lado do corpo exibia o pelo de onça-preta; o outro, as listras de um tigre — ambos manchados de sangue. Mas as patas... negras como petróleo, com garras amareladas, muito maiores que as de qualquer felino.

Ela parou no meio da encruzilhada, olhos grandes e amarelos, pupilas escuras, em alerta, buscando sua presa. Eu sabia que ela me procurava, que logo me encontraria pelo faro.

Por um breve instante, o tempo congelou. As pessoas, os carros, tudo parou, restando apenas eu e ela em movimento. Subi no teto de um caminhão próximo ao circo. Lá de cima, entre corpos dilacerados, pude vê-la. Mesmo a mais de duzentos metros, ela estava parada no meio da avenida, em posição de ataque, olhando fixamente para mim. E eu, para ela.

De repente, ela avançou três passos rápidos, parou, abaixou-se rente ao chão e começou a se aproximar, preparando-se para o ataque.

Senti aquele frio na espinha de tanto medo. Minhas pernas, de algum modo, responderam. Corri como nunca, um sprint à **la Usain Bolt**.

A tenda do circo se aproximava. Por sorte, vi pendurada na entrada uma grossa corda cheia de

nós, estendendo-se até o picadeiro dos trapezistas. Era minha única chance. Ou eu a alcançava, ou seria alcançado pela criatura.

Num salto desesperado, agarrei-me à corda quase no meio dela e comecei a escalar. Senti uma forte pancada; quase caí. Olhei para baixo e vi a fera tentando subir, suas garras imensas enroscando-se e dificultando sua escalada.

O peso conjunto fez o mastro central inclinar-se, torcer-se, até se partir.

Despencamos de uma altura que parecia ter mais de cinquenta metros, derrubando a lona do circo com toda a estrutura.

Caí primeiro na rede de segurança dos trapezistas. Em seguida, a fera desabou sobre mim, atordoada, sufocada pela lona, esquecendo temporariamente minha presença debaixo dela. A rede, incapaz de suportar nosso peso, rasgou-se, e voltamos a cair.

O impacto no chão foi tão forte que parecia uma explosão. Não senti dor, mas percebi que não conseguia mais me mexer, apesar de não estar sob os escombros.

De repente, lembrei da onça-preta gigante. Ela não estava mais ali; devia ter morrido na queda, com tudo aquilo sobre ela.

Ouvi um som vindo de trás de mim. Com esforço, consegui me virar — e foi meu último esforço. A criatura abocanhou minha cabeça como se fosse uma maçã. Não houve tempo para medo ou dor. Tudo ficou escuro.

E eu acordei assustado.
